

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar

2

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2 [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067202307

1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR 2, coletânea de vinte e três capítulos que une pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber, como marcado pela proposta multidisciplinar fixada no seu escopo maior.

Destarte, esse volume está ancorado em três eixos maiores: a Linguística, a Letras e as Artes. É assim que o diálogo se dá, sempre observando o entrelaçar com outras áreas, assim como o debatido e refletido a partir de construções sociais para o tema.

No momento dedicado a Linguística, temos doze capítulos que atravessam as variadas correntes analíticas dos estudos linguísticos, dos estudos advindos das contribuições de Saussure até mesmo a aplicação do ensino de língua, seja portuguesa ou inglesa, e a sua interação com o suporte, com o livro didático.

A etapa voltada para a Literatura, apresentamos seis capítulos que mantêm essa proposta de diálogo com a atualidade e com os dilemas sociais do momento, assim observamos discussão que paira os livros infantis e as representações de sentimentos e perturbações humanas na composição literária.

As Artes aqui congregam cinco capítulos que abordam a dramaturgia, a pintura e a música, esta também dialogada com a experiência e o exercício do profissional da área.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE PODER: UMA REVISÃO HISTÓRICA A PARTIR DOS EXCERTOS DE SAUSSURE	
Lucas da Silva Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.0672023071	
CAPÍTULO 2	15
A INTERFERÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL	
Renné da Glória Andrade Valéria Viana Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0672023072	
CAPÍTULO 3	20
CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque Alessandra Zager Tinoco Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0672023073	
CAPÍTULO 4	38
ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
Samara Trovão Meneguetti Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023074	
CAPÍTULO 5	51
A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023075	
CAPÍTULO 6	63
ONDE ESTÁ O SUCESSO? UMA ANÁLISE DA OBRA “O SUCESSO PASSO A PASSO”	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.0672023076	
CAPÍTULO 7	78
POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023077	
CAPÍTULO 8	91
DISCURSO JURÍDICO E PLANEJAMENTO FAMILIAR: ANÁLISE SOB UM VIÉS FOUCAULTIANO	
Felipe Bini Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023078	

CAPÍTULO 9	102
GÊNEROS TEXTUAIS E DOCÊNCIA COMPARTILHADA, UMA PRÁTICA AO AUXÍLIO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0672023079	
CAPÍTULO 10	113
ATIVIDADES DE ENSINO DE VOCABULÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: SOB OS ASPECTOS LEXICAIS	
Rosemeire de Souza Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230710	
CAPÍTULO 11	125
O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE ESTE INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	
Gabriela Schmitt Prym Martins Roberta Costella	
DOI 10.22533/at.ed.06720230711	
CAPÍTULO 12	137
PRÁTICAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CURTOS EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.06720230712	
CAPÍTULO 13	144
A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS	
Thamiris Adão Ferreira da Silva Jovana Aparecida da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230713	
CAPÍTULO 14	154
PERCEPÇÕES SOBRE O LIVRO CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA	
Katiane Dal Molin	
DOI 10.22533/at.ed.06720230714	
CAPÍTULO 15	164
TEXTURAS E TESSITURAS DA LÍRICA: UM MODO DE LER A POESIA DE MAX MARTINS	
Carolina da Costa de Almeida Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.06720230715	
CAPÍTULO 16	176
A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Thaína Martins da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230716	

CAPÍTULO 17	187
RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO MORTE METAFÓRICA: ANÁLISE DA OBRA RETRATOS DE CAROLINA DE LYGIA BOJUNGA	
Ana Carolina de Castro Batista Thiago Alves Valente	
DOI 10.22533/at.ed.06720230717	
CAPÍTULO 18	198
CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI	
Luiz Eduardo Martins de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.06720230718	
CAPÍTULO 19	208
O FIO DA NARRATIVA MÍTICA NA TRAMA DE DRAMATURGIAS FEMINISTAS	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.06720230719	
CAPÍTULO 20	216
A CIÊNCIA AO SERVIÇO DA ARTE E DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO: TRÊS CASOS DE ESTUDO EM PINTURAS MURAIS DO PROJETO <i>PRIM'ART</i>	
Milene Gil Duarte Casal	
DOI 10.22533/at.ed.06720230720	
CAPÍTULO 21	227
OS TRANCOS DO PROGRESSO: O OLHAR CAIPIRA SOBRE SÃO PAULO NA MODA DE VIOLA BONDE CAMARÃO	
Carlos da Veiga Feitoza Beatriz Magalhães Castro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230721	
CAPÍTULO 22	243
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NA E FORA DA ÁREA DE MÚSICA	
Juraci Alves Silva Neto Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.06720230722	
CAPÍTULO 23	258
A MÚSICA E O INGLÊS DE MÃOS DADAS NA “TARDE CULTURAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL ROTARY NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN	
Danilo Augusto de Menezes Giann Mendes Ribeiro Rita Célia Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.06720230723	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA

Data de aceite: 13/07/2020

Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque
Alessandra Zager Tinoco Viana

RESUMO: As ocorrências de casos de flutuação do modo subjuntivo em orações subordinadas que o demandariam, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, são frequentes no Brasil. Neste artigo, analisamos especificamente os atos de fala do campo semântico da dúvida, que, segundo os manuais de ensino e as gramáticas prescritivas do português, não aceitariam o modo indicativo na oração subordinada. Nosso objetivo geral é descrever e analisar tais ocorrências em Português Língua Materna (PLM) e, assim, fornecer subsídios aos profissionais que trabalham com o ensino e a aprendizagem de Português como Segunda Língua (PL2) ou Língua Estrangeira (PLE), tendo em vista que este conteúdo é bastante relevante para esta área de pesquisa. Dessa forma, tecemos, aqui, algumas considerações sobre estes casos de flutuação, utilizando conceitos teóricos advindos da Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004) e tomando por base a categorização de tipologia semântica dos verbos proposta por Garcia (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Subjuntivo; Português brasileiro; Flutuação; Dúvida; Ensino de PL2/PLE.

FLOATING SUBJUNCTIVE CASES: SPEECH ACT OF THE SEMANTIC FIELD OF DOUBT

ABSTRACT: Occurrences of subjunctive mode fluctuation in subordinate clauses that would demand, according to the standard norm of the Portuguese language, are frequent in Brazil. In this article, we specifically analyze the speech acts of the semantic field of doubt, which, according to the teaching manuals and the prescriptive grammars of Portuguese, would not accept the indicative mode in a subordinate clause. Our overall objective is to describe and analyze such occurrences in Portuguese as a Mother Tongue (PLM) and thus provide support to professionals working with the teaching and learning of Portuguese as a Second Language (PL2) or Foreign Language (PLE), with a view to that this content is quite relevant to this research area. Thus, we make some considerations about these fluctuation cases, using theoretical concepts derived from Functional Discourse Grammar (Hengeveld, 2004) and based on the categorization of the semantic typology of verbs proposed by Garcia (2004).

KEYWORDS: Subjunctive; Brazilian Portuguese; Doubt; Fluctuation, Teaching of PL2/PLE.

1 | INTRODUÇÃO

No ensino de Português para falantes de outras línguas, é comum iniciarmos as aulas relativas ao emprego do modo subjuntivo tendo como princípio norteador gramáticas de cunho tradicional, tais como as de BECHARA (1968; 2009) e de CUNHA & CINTRA (2013), com o objetivo de informar aos nossos aprendizes que o referido modo é utilizado quando em referência a fatos duvidosos, prováveis, incertos, irreais etc. Dessa forma, costuma-se afirmar que verbos do campo semântico da dúvida obrigam o uso do subjuntivo, como por exemplo: *Eu duvido que ele compre aquele carro*. Contudo, nas pesquisas realizadas no Programa de Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, temos questionado tal informação e realizado investigações que nos indicam que nem sempre as estruturas que, em princípio, demandariam o uso do subjuntivo têm efetivamente sido realizadas tal como nos prescrevem as gramáticas e os manuais de ensino de português destinados ao ensino e à aprendizagem da língua para aprendizes brasileiros ou estrangeiros.

Assim, apresentamos, neste artigo, parte da pesquisa que realizamos acerca da flutuação no emprego do modo subjuntivo em expressões com atos de fala do campo semântico de dúvida, especificamente as realizadas com o verbo *duvidar*, no português do Brasil. Entendemos por flutuação a ocorrência de construções não previstas pelo falante nativo em estruturas que demandam um determinado modo verbal. No caso do subjuntivo, em particular, acreditamos que ater-se apenas à regularização do emprego dos tempos verbais pode ser um problema para o professor e para o aprendiz de Português como Segunda Língua (PL2) ou Língua Estrangeira (PLE), sobretudo, aqueles que estão em um nível mais avançado, como sinalizam MEDEIROS e MARTINS (2010; p.1):

Essa assimetria entre as regras internalizadas e treinadas pelo aluno nos níveis iniciais e intermediários e as múltiplas novas possibilidades de emprego que ele passa a ser capaz de detectar em um nível avançado gera uma insegurança no uso do subjuntivo, capaz, inclusive, de promover um retrocesso no emprego desse modo verbal (é frequente o aluno de nível avançado, quando confrontado com material oral ou escrito em que o subjuntivo aparece em situações não descritas e/ou trabalhadas, dizer, frustrado, coisas do tipo “eu achava que sabia usar o subjuntivo...”).

Durante o levantamento do *corpus*, realizado no site do Linguateca¹, observou-se a ocorrência de usos do modo indicativo em orações subordinadas nas quais o modo adequado, seguindo os parâmetros das gramáticas prescritivas, seria o subjuntivo, como em (1):

* Eu duvido que você *vai* bem nas provas.

Ou seja, a forma prescrita como correta pela gramática tradicional seria como em (2):

2. Eu duvido que você *vá* bem nas provas.

1 O Linguateca “é um centro de recursos – distribuído – para o processamento computacional da língua portuguesa, cujo objetivo é servir à comunidade que se dedica ao processamento do português”. (Descrição encontrada no *site* <http://linguateca.pt/>).

Sentenças como (1) ocorrem, frequentemente, na modalidade oral da língua e podem trazer dificuldades e questionamentos por parte do estudante estrangeiro, pelo fato de ele, provavelmente, ter aprendido que (2) é a forma que ele deve utilizar, em qualquer contexto de comunicação. Sendo assim, o aprendiz poderá ficar confuso, acreditando não ter compreendido bem o uso do modo subjuntivo, gerando, muitas vezes, uma desmotivação para seguir seus estudos.

Neste sentido, entendemos que a partir de pesquisas que possam descrever e analisar possíveis casos de flutuações do modo subjuntivo, profissionais que trabalham na área de PL2 e de PLE, sejam professores ou produtores de material didático, podem se sentir mais seguros ao terem subsídios fornecidos por estudos acadêmicos de relevância para apresentar aos seus alunos.

Nosso objetivo geral na pesquisa, portanto, é descrever e analisar contextos de flutuação do uso do subjuntivo em atos de fala com o verbo *duvidar* no português do Brasil, e discorrer sobre alguns objetivos específicos, tais como: 1) identificar os casos em que há ocorrência do modo indicativo na oração subordinada após o verbo *duvidar*; 2) analisar se a semântica do verbo que complementa a estrutura com o verbo *duvidar* pode influenciar no nível de aceitabilidade do subjuntivo ou do indicativo; 3) identificar as motivações para as flutuações no modo subjuntivo nesses casos e 4) fornecer subsídios para a produção de material didático relativo ao ensino e à aprendizagem de PL2 e PLE.

2 | A LITERATURA SOBRE O ASSUNTO

Apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre as perspectivas de Bechara (1968; 2009), Cunha & Cintra (2013), Perini (1998; 2016) e Castilho (2010) a respeito do emprego do modo subjuntivo.

Como já afirmamos, na tradição gramatical, em geral, o subjuntivo é descrito como o modo da dúvida – “em referência a fatos duvidosos, prováveis, possíveis, etc.” (Bechara, 1968, p.126) –, em oposição à certeza ou realidade do modo indicativo, como afirmam Cunha & Cintra (2013, p. 479-480):

Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo, real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro. Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual* ou, mesmo, *irreal*. É o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar*.

Nessa perspectiva, não seriam aceitáveis, então, empregos do modo indicativo em orações subordinadas ao verbo *duvidar*, como são os exemplos que esse trabalho visa a analisar.

Bechara (2009) acrescenta que o subjuntivo é utilizado “nas subordinadas em que o

fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar” (p. 280) e também “depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais (p. 281).

Castilho (2010), apesar ter uma perspectiva descritiva da língua, no tocante ao subjuntivo, não apresenta muita diferença em relação ao que prescrevem os gramáticos de vertentes mais tradicionais. Ele afirma que cada modo (*modus*) representa uma “avaliação que o falante faz sobre o *dictum*, considerando-o real, irreal, possível ou necessário.” (CASTILHO, 2010, p. 437) e que o subjuntivo evidenciaria o ato de fala das “situações imaginárias que não precisam corresponder ao que acontece no mundo” (CASTILHO, 2010, p. 137-138). Por fim, o autor declara que os verbos declarativos e perceptivos exigem o modo indicativo, mas que os demais verbos demandam o subjuntivo nas orações a eles subordinadas.

Perini (1998), por sua vez, também estuda a língua em uma perspectiva descritiva. O autor defende que só seria admitido nos complementos oracionais do verbo *duvidar* o modo subjuntivo, e não o indicativo. No entanto, em obra mais recente, Perini (2016, p. 295) observa que “a incerteza, dúvida ou negação mencionada na regra se atribui ao Agente da ação principal, não ao falante”.

O autor também afirma que os verbos *suspeitar*, *desconfiar* e *pensar*, pertencentes à mesma categoria que *duvidar*, são geralmente construídos com o modo indicativo. Talvez essas construções ocorram por haver uma maior certeza do falante sobre o que está comunicando.

É importante observar que Perini (2016, p. 306-307) também declara que há uma tendência, no Sul e no Sudeste do país, a reduzir o uso do subjuntivo, “colocando em seu lugar o indicativo ou, em certos casos, o infinitivo”. Entretanto, afirma que é necessária uma formulação mais cuidadosa sobre essa questão, para que se possa chegar a uma conclusão mais científica sobre o que se afirma.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada pretende, portanto, identificar e analisar casos em que ocorre o uso do modo indicativo quando o previsto era o modo subjuntivo, pensando em suas motivações, para que possamos melhor categorizar, no campo semântico da dúvida, os usos dos modos indicativo e subjuntivo no português do Brasil e, assim, contribuir para a área de ensino e aprendizagem de PL2 e de PLE.

3 | EMBASAMENTO TEÓRICO

Os pressupostos teóricos com os quais trabalhamos na pesquisa são advindos da Gramática Funcional do Discurso (GFD), proposta por Hengeveld (2004). Para o autor, a gramática é um sistema formalizado que incorpora fenômenos inerentes à construção do discurso pelos interlocutores. Ou seja, quando analisamos um texto objetivando depreender, por meio deste, um sistema de representação formal, tem-se como foco o estrutural, porém, para se entender o estrutural deve se considerar a semântica, a intenção do falante e sua

relação com a construção do discurso, bem como a influência no uso deste, considerando-se que tais relações são expressas por meio de estratégias comunicativas. É neste foco semântico, considerado pela GFD, que vamos nos restringir ao analisar o nosso *corpus*. Não iremos, portanto, discorrer sobre a representação formal, estrutural, proposta também pela referida teoria.

A GFD apresenta-se, segundo CAMACHO (2006), como a projeção de uma nova arquitetura da Gramática Funcional (DIK, 1989), acomodando o discurso como parte integral e bastante significativa do modelo. Por outro lado, o referido autor também afirma que a GFD é uma gramática que se propõe a incorporar fenômenos que são próprios ao processo do discurso entre os interlocutores, e não a elaborar um novo modelo de análise do discurso.

Nesta nova arquitetura, Hengeveld (2004) organiza sua gramática em quatro níveis: o interpessoal e o representacional são associados às operações de formulação, e o morfossintático e o fonológico às operações de codificação. Estes níveis estão internamente organizados em camadas e concebidos como módulos separados. Em nossa pesquisa, utilizamos, apenas, os conceitos de nível interpessoal e representacional, considerando apenas aspectos semânticos apresentados pelo autor.

O nível interpessoal engloba os aspectos formais que contemplam a função de uma determinada unidade linguística na interação falante-ouvinte. Contudo, há neste modo a noção de que os falantes, de forma mais ou menos consciente, empregam estratégias para que consigam alcançar seus objetivos comunicativos. Esse nível, portanto, trata da intenção do falante e das estratégias utilizadas por ele para chegar a determinado fim.

Por sua vez, o nível representacional trata dos aspectos formais que são refletidos no papel de uma unidade linguística ao estabelecer uma relação com a descrição do mundo real ou imaginado independentemente do modo como essa unidade é usada na comunicação. Portanto, esse nível faz referência aos componentes contextuais e cognitivos.

Tanto o nível representacional quanto o interpessoal são subdivididos em algumas categorias, dentre as quais utilizaremos as seguintes:

Nível Interpessoal		Nível Representacional	
Ato	unidade básica de análise; que relaciona os atos discursivos entre si	Conteúdo proposicional	construto mental
Conteúdo comunicado	totalidade do que o falante evoca em sua comunicação	Estado de coisas	eventos e estados; localizáveis no tempo
Subato atributivo	tentativa de evocar uma propriedade/atributo	Propriedade	atribuições ao indivíduo
Subato referencial	referência a um ser, indivíduo ou a um local	Indivíduo/ locação/ tempo	seres ou outros elementos relativos ao tempo; localizáveis no tempo e no espaço

Tabela 1. Níveis Interpessoal e Representacional e suas unidades.

À luz desses dois níveis, representacional e interpessoal, analisaremos os dados encontrados, a fim de verificar em que contextos ocorrem os casos de flutuação do modo

subjuntivo e com que intenção o falante opta pelo modo para o espaço em que o previsto pela gramática normativa seria outro.

3.1 Tipologia verbal

Além dos conceitos da GFD, também utilizamos em nosso estudo a tipologia semântica de verbos proposta por Garcia (2004). O autor divide os verbos em três principais tipos: 1) *os auxiliares*, que acrescentam a outros verbos características de aspecto, fase, modalidade etc; 2) *os relacionais*, que designam uma relação entre dois ou mais elementos e 3) *os ativos*, que estabelecem uma alteração qualquer no *status quo* de um ou mais elementos por eles regidos ou a eles relacionados.

Em nossos dados, não foram encontrados exemplos de todos os tipos verbais apresentados por Garcia (2004). Portanto, é importante ressaltar que a análise aqui empreendida irá descrever mais detalhadamente as subcategorias de tipologia semântica dos verbos presentes na oração subordinada dos exemplos encontrados em nosso *corpus*. Assim, apresentamos, a seguir, apenas, as informações sobre os tipos de verbos e subcategorias que efetivamente encontramos em nossos dados.

3.1.1 Verbos auxiliares

Os verbos auxiliares, segundo Garcia (2004, p. 53), “só admitem complementação por meio de outro verbo ou, mais raramente, por um substituto verbal” e também seu sujeito seria o mesmo que do(s) outro(s) verbo(s). Esta tipologia verbal, portanto, não se divide em subcategorias como as apresentadas para os verbos relacionais e ativos.

3.1.2 Verbos relacionais

Os verbos relacionais são aqueles que estabelecem uma relação “entre os elementos que compõem seus domínios, ou entre eles e a realidade” (Garcia, 2004, p. 53-54), e são subdivididos, segundo a relação por eles expressa, em várias categorias. Encontramos no levantamento de dados apenas as seguintes subcategorias: designativos, existenciais, possessivos e afetivos (cognitivos e avaliativos).

a) **Designativos**, que têm por função acrescentar traços gramaticais de aspecto (representado primariamente pelo “caráter” aspectual do verbo, ou seja, por noções de aspecto incluídas na própria significação do verbo, e secundariamente pelo tempo verbal) a uma relação substantivo/outro elemento.

b) **Existenciais**, que estabelecem relação entre um elemento e o universo, que pode ser real ou imaginado.

c) **Possessivos**, que expressam relação de posse e de contiguidade, inclusão etc.

d) **Afetivos**, que indicam, em sua maioria, um afeto (sensação, estado de alma, emoção, juízo...) e também contém um elemento que é de alguma forma “afetado por outro ou pela situação descrita pelo verbo” (Garcia, 2004, p. 60).

3.1.3 Verbos ativos

Segundo Garcia (2004), os verbos ativos podem ser considerados como respostas a questões do tipo: “O que acontece?” ou “O que alguém faz?”/ “O que algo faz?”.

a) **Operativos**, que expressam a maneira como ocorre uma determinada situação, que é especificada por um elemento do domínio do verbo ou pelo contexto, mas não pelo verbo em si.

b) **Descritivos**, que descrevem os processos que envolvem geralmente apenas o sujeito.

Podemos afirmar que esta tipologia nos auxiliou de forma significativa na identificação dos casos em que há ocorrência do modo indicativo na oração subordinada após o verbo *duvidar*, bem como na análise da intenção do falante ao escolher o referido modo quando a expectativa era a realização com o subjuntivo.

4 | PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Desenvolvemos uma pesquisa de base qualitativa, cujo *corpus* foi construído por meio de dados coletados do site *Linguateca*, mais especificamente nos corpos NILC/São Carlos, Floresta Sintá(c)tica e Corpus Brasileiro.

O *corpus* NILC/São Carlos (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional), sediado no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo em São Carlos, é composto por textos em português brasileiro de registro jornalístico (*Folha de São Paulo*), didático, epistolar e também de redações de alunos.

A Floresta Sintá(c)tica é uma colaboração entre o site *Linguateca* e o Projeto VISL (*Visual Interactive Syntax Learning*) – desenvolvido pela University of Southern Denmark. O conjunto de frases disponibilizado nesse *corpus* contém textos em português, tanto do Brasil quanto de Portugal, que são anotados e analisados automaticamente por um analisador sintático e revistos por linguistas.

Por sua vez, o Corpus Brasileiro consiste em uma coletânea de palavras no português brasileiro, produto de um projeto coordenado pelo professor e pesquisador Tony Berber Sardinha, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Esse *corpus* é composto por frases nas modalidades escrita e falada, porém os dados que encontramos pertencem apenas à modalidade escrita e foram retirados de atas de assembleia legislativa.

O levantamento do nosso exemplário limitou-se aos atos de fala “duvidar que”, na primeira e terceira pessoas do discurso (singular e plural); foram descartados os exemplos que continham o verbo *duvidar* flexionado na segunda pessoa do discurso (*tu* ou *vós*), tendo em vista que não representariam verdadeiramente a língua em uso no Brasil, já que são utilizados em contextos muito restritos. Neste recorte do levantamento de dados, ainda, optamos por analisar apenas os casos em que a oração subordinada está no presente do

indicativo, apesar de termos encontrado bastante material com o pretérito perfeito (simples e composto), o futuro do pretérito e o futuro do presente do indicativo.

O percurso percorrido para o levantamento dos exemplos foi pelo Acesso de Recursos do site do Linguateca, no item AC/DC, que se refere aos corpos em português. Ao acessarmos cada um desses corpos, a procura foi realizada por meio das seguintes fórmulas: “duvido” “que”; “duvida” “que”; “duvidamos” “que” e; “duvidam” “que”. Nas opções de resultado, marcamos o item *concordância*.

Apesar de esta ser uma pesquisa qualitativa, consideramos importante informar a quantidade de exemplos encontrada no Linguateca para cada conjunto de orações subordinadas encontrado no modo indicativo e no subjuntivo. Vejamos na tabela a seguir o número de ocorrências encontrado para cada um dos três corpos acessados, de acordo com as fórmulas utilizadas para a busca:

	“duvido que”	“duvida que”	“duvidamos que”	“duvidam que”
NILC/São Carlos	Subjuntivo 27 ocorrências Indicativo 0 ocorrências	Subjuntivo 27 ocorrências Indicativo 17 ocorrências	Subjuntivo 0 ocorrências Indicativo 0 ocorrências	Subjuntivo 14 ocorrências Indicativo 3 ocorrências
Corpus Brasileiro	Subjuntivo 497 ocorrências Indicativo 38 ocorrências	Subjuntivo 394 ocorrências Indicativo 11 ocorrências	Subjuntivo 19 ocorrências Indicativo 6 ocorrências	Subjuntivo 89 ocorrências Indicativo 22 ocorrências
Floresta Sintá(c)tica	Subjuntivo 13 ocorrências Indicativo 2 ocorrências	Subjuntivo 3 ocorrências Indicativo 1 ocorrências	Subjuntivo 0 ocorrências Indicativo 0 ocorrências	Subjuntivo 0 ocorrências Indicativo 0 ocorrências

Tabela 2. Ocorrências dos modos subjuntivo e indicativo

É importante ressaltar que a apresentação dos exemplos está exatamente igual à forma em que foram encontrados no *corpus* do Linguateca. Não há no site a informação precisa de onde foi retirado cada exemplo. Apenas informam, em geral, que são de determinadas fontes, como jornal, atas, artigos acadêmicos etc.

A identificação desses exemplos, para facilitar a análise, será assim: E1 (exemplo 1), E2 (exemplo 2), E3 (exemplo 3) e assim sucessivamente. A ordem de apresentação da análise semântica será da seguinte forma: a) verbos auxiliares, b) verbos relacionais (designativos, existenciais, possessivos e afetivos) e c) verbos ativos (operativos e descritivos). Em seguida a esta análise, apresentamos algumas considerações sobre os elementos periféricos com valor indefinido que acompanharam as estruturas realizadas com o verbo duvidar.

5 | ANÁLISE DE DADOS

5.1 Considerações iniciais

Como expresse anteriormente, escolhemos analisar apenas os casos em que as orações, principal e subordinada, estão no tempo presente do modo indicativo, portanto não abordamos os dados em que a oração subordinada está em outros tempos verbais, como, apenas a título de ilustração, apresentamos a seguir:

(E1) <p>: *Se a gente parar de comprar, **duvido que** continuará tão caro assim .*

(E2) par=*Esporte--94a-2*: «*Se ele ‘tivesse só cantando sua música **duvido que** seria preso .*

(E3) “*Pai **duvida que** filho se afogou nos EUA 05 / 03/97 Locutor desapareceu ao tentar cruzar fronteira entre México e Texas Pai **duvida que** filho se afogou nos Eua da Folha Vale A família do locutor de rádio Marcelo Cavalcanti Mendonça, 26, brasileiro, não acredita que o rapaz tenha morrido afogado nos Estados Unidos .”*

(E4) <p>: *Alguém **duvida que**, dessa briga, tem saído papel para tudo que é lado ?*

(E5) <p>: *Os ortodoxos receberam o número como uma heresia, mas hoje poucos **duvidam que** aquela usina de talentos já funcionava a pleno vapor.*

Na organização da análise, estabelecemos uma divisão dos dados com base na tipologia semântica dos verbos das orações subordinadas, de acordo com Garcia (2004). Além disso, destacamos também, alguns casos em que há elementos indefinidos, que parecem influenciar também na maior aceitação do modo indicativo nos contextos em que é previsto o uso do subjuntivo.

5.1.2 Semântica dos verbos

Os exemplos analisados a seguir são organizados e apresentados de acordo com a categorização semântica de Garcia (2004). A análise é baseada nos conceitos relativos aos níveis representacional e interpessoal, segundo à GFD (Hengeveld, 2004), considerando mais especificamente as seguintes categorias: ato, subato, estado de coisas, indivíduo e propriedade.

5.1.2.1 Verbos auxiliares

Confirme comentado anteriormente, Garcia (2004) aponta que os verbos auxiliares

são aqueles que têm sua complementação por um verbo principal, cujo sujeito é sempre o mesmo do primeiro. Os exemplos com essa categoria verbal foram de menor quantidade, e os exemplos aqui destacados são com o verbo auxiliar *poder*.

(E6) par=Brasil--94b-2: «Os editores da Folha **duvidam que** a cobertura do Brasil, caso queiram, pode ser feita de maneira tão divertida e alegre, e nem por isso menos reveladora, do que aquela que se dedica a coisas lá da América ou Europa?

Nesse exemplo, em uma análise do nível referencial, temos um primeiro *estado de coisas*, expresso na oração principal, constituído por um *indivíduo* (Os editores da Folha), uma *propriedade* (duvidar), seguido por um segundo *estado de coisas* em que há um novo *indivíduo* (a cobertura do Brasil) e outra *propriedade* (poder ser feita). Por sua vez, no que diz respeito ao nível interpessoal, observamos o *ato* de defesa de uma ideia: o locutor, com sua pergunta, tem o objetivo de afirmar que existe a possibilidade de a cobertura do Brasil ser feita “de maneira tão divertida e alegre” quanto a dedicada “a coisas lá da América ou Europa”, caso os editores da Folha queiram.

Ao analisarmos este exemplo, verificamos, então, que a dúvida não está no locutor – ele não tem dúvidas do que afirma –, contudo a ideia de duvidar estaria no primeiro *indivíduo* (editores da Folha) e, talvez por esta razão ocorra a preferência pelo modo indicativo por parte do locutor.

No exemplo a seguir, entretanto, a *propriedade* da dúvida está atrelada ao *indivíduo* (eu), que corresponde ao locutor; o *ato* de duvidar está no locutor.

(E7) <p>: Eu **duvido que** alguém pode traduzir essa frase para o hebraico, já que isto vai muito além do entendimento judaico¹³².

Nesse caso, no ato de fala de duvidar, também podemos perceber uma intenção de desafiar os possíveis ouvintes. Acreditamos que a opção pelo modo indicativo, nesse caso, expressa uma ideia de que o segundo *estado de coisas* (a oração subordinada *alguém pode traduzir essa frase para o hebraico*) ocorre agora, com aspecto contínuo; o modo subjuntivo talvez pudesse representar um *estado de coisas* no futuro, e, neste caso, o locutor tem o objetivo de fazer referência a algo no momento atual, e não de uma possibilidade futura.

No exemplo a seguir, há dois *estados de coisas* (a oração principal *o aluno resistente duvida de algo*; e a oração subordinada *o aluno resistente pode aprender*), em que há o mesmo *indivíduo* (na oração principal, *o aluno resistente*; na oração subordinada, *ele*, retomando *aluno resistente*) ligado à primeira *propriedade* (duvidar) e à segunda (poder aprender).

(E8) <p>: Finalmente, o aluno resistente é do tipo que **duvida que**: (i) ele pode aprender ou se divertir ao tentar alcançar qualquer objetivo proposto por outros; (ii) a

aprendizagem acadêmica compulsória possa auxiliá-lo a alcançar objetivos pessoais ou iniciar mudanças desejadas; e (iii) seus valores pessoais, interesses e objetivos possam ser beneficiados pelos objetivos acadêmicos.

Nesse caso, o modo indicativo é selecionado, porém, nas orações (ii) e (iii), em que os *indivíduos* (a aprendizagem acadêmica compulsória; e seus valores pessoais, interesses e objetivos) não coincidem com os outros *indivíduos* (o aluno resistente; ele) é utilizado o modo subjuntivo. Como a tipologia verbal é a mesma (auxiliar), não parece ser esse o elemento que influencia na escolha dos modos verbais; como na oração (i), a *propriedade* de poder aprender e se divertir parece estar identificada com um aspecto durativo, a começar no presente; nas orações (ii) e (iii), as *propriedades* parecem ser pensadas a longo prazo, têm ideia de futuro, pois alcançar objetivos traz perspectiva futura.

5.1.2.2 Verbos relacionais

a) Designativos

Encontramos exemplos de verbos com valor semântico designativo com os verbos *ser*, com mais recorrências, e *estar*.

(E9) <p>: *Nem os corintianos **duvidam que** o Palmeiras é o melhor.*

Nesse exemplo, no nível interpessoal, percebemos que o *ato* é de defesa de uma ideia (o Palmeiras é o melhor). No nível representacional, temos dois *estados de coisas*: no primeiro, um *indivíduo* (os corintianos) e uma *propriedade* (duvidar); no segundo, um *indivíduo* (o Palmeiras) e uma *propriedade* (ser melhor). Como foi dito, o locutor defende uma ideia, de que o melhor time é o Palmeiras, e a dúvida não está ligada a ele, mas ao primeiro *indivíduo* (os corintianos), rival do time defendido pelo locutor. Tendo em vista que o locutor não tem dúvidas do que defende, sua opção é pelo modo indicativo, para deixar mais clara sua afirmação e certeza.

Em (E10), temos um contexto em que a opção pelo modo indicativo não se dá pela falta de dúvida do locutor, porque ele parece querer expressar, no momento da sua fala, as suas certezas relativas à colocação em prática das propostas feitas por um político, e, para isso, utilizada o verbo duvidar. Vejamos:

(E10) <p>: *As propostas do Fernando Henrique são possíveis, mas **duvido que ele está (sic) fazendo isso**», disse um.*

No nível interpessoal, o locutor tem o objetivo de duvidar da prática das propostas do *subato referencial* (Fernando Henrique), ex-presidente. No nível representacional, no primeiro *estado de coisas*, o *indivíduo* que duvida, “eu”, corresponde ao locutor; no segundo

estado de coisas, o *indivíduo* (ele), correspondente a “Fernando Henrique”, está ligado à propriedade (estar fazendo).

Aqui, parece haver outro caso relativo ao aspecto. Ou seja, o próprio gerúndio - *fazendo* - nos mostra que há uma aspectualidade durativa, portanto, talvez, por esta razão, o presente do indicativo seja escolhido, no lugar do presente do subjuntivo, que traria uma noção de futuro – a dúvida do locutor é na prática das propostas no momento da fala, com noção de continuidade, não em um momento futuro.

b) **Existenciais**

Em (E11) e (E12), no primeiro estado de coisas, o *indivíduo* é *alguém*, ligado à *propriedade* (duvidar).

(E11) <p>: *Livro:Pixinguinha -- Vida e Obra Lançamento: Lumiar Quanto: R\$ 25 (283 págs.) CD-ROM ‘ redescobre ` o Brasil 21/06/97 Ilustração que integra «Viagem pela História do Brasil», livro e CD-ROM lançado pela Companhia das Letras Brasil / Livro / CD-ROM ‘ redescobre ‘ o Brasil MARCELO RUBENS Paiva especial para a Folha Alguém **duvida que há** uma história brasileira subterrânea, e que a contada em livros é a dos vencedores?*

(E12) par=Cotidiano--94b-2: *Será que alguém **duvida que** falta uma pá de nomes importantes na sua lista de «doações»?*

Nos dois casos, a escolha pelo modo indicativo parece ocorrer pela mesma motivação de (E11), já que tratam de uma *propriedade* (haver) e (faltar) com aspecto durativo, pela própria semântica dos verbos, e ocorrem no momento presente. Nos dois exemplos, além disso, não há dúvidas por parte do locutor, que, considerando-se o nível interpessoal, tem por intenção defender a veracidade do *estado de coisas* expresso nas orações subordinadas (*há uma história brasileira subterrânea; falta uma pá de nomes importantes na sua lista de doações*).

c) **Possessivos**

Em (E13), a fala colaborativa de outro locutor contribui para a compreensão da escolha do modo indicativo após o verbo duvidar.

(E13) (...) *Esse aspecto é confirmado pelo entrevistado 9: hoje eu **duvido que** alguma outra empresa da área têxtil tem algum sistema integrado de gestão, com informações como nós temos... O entrevistado 6 completa os relatos anteriores, afirmando:] o Armando colocou um sistema de gestão e deixou a empresa atualizada tecnologicamente... o sistema integrado de gestão permite que nós tenhamos todas as informações em tempo real... Na dimensão tecnologia, vê-se uma empresa equipada*

com sistema de informação altamente institucionalizado, podendo aprimorar seus processos internos a partir da gestão da informação.

Neste exemplo, no nível interpessoal, o *ato* é de duvidar, com a intenção de reafirmar a qualidade da empresa à qual pertence o locutor. Como seu objetivo é defender a excelência de sua empresa têxtil no momento atual – excelência esta que somente ocorreu após as mudanças comentadas pelo outro locutor (“O Armando colocou um sistema de gestão e deixou a empresa atualizada tecnologicamente...”) – compreende-se a preferência pelo modo indicativo, ao expressar um *estado de coisas* (tem algum sistema integrado) relativo ao momento presente, do agora. Ambos os entrevistados obviamente prepararam-se para aquele espaço discursivo da entrevista a fim de defenderem o sucesso da implementação da tecnologia na empresa.

d) Afetivos

Encontramos, na categoria de verbos afetivos, exemplos de dois tipos pertencentes a essa subdivisão: cognitivos (*saber*) e avaliativos (*duvidar*).

(E14) par=Opinião--94b-1: *Ninguém mais **duvida que** o brasileiro sabe votar: elegeu Collor e foi para a rua pedir seu impedimento.*

Nesse exemplo, no primeiro *estado de coisas* (a oração principal *ninguém mais duvida*), a *propriedade* (duvidar) está atrelada ao *indivíduo* (ninguém), representado por um pronome indefinido. No segundo *estado de coisas* (a oração subordinada *o brasileiro sabe votar*), há um novo *indivíduo* (o brasileiro) ligado à *propriedade* (saber votar). Aqui, no nível interpessoal, a intenção do locutor é de ironizar a atitude dos cidadãos brasileiros, que elegeram um presidente para depois impedi-lo de exercer a sua função – o locutor expressa a ideia de que o brasileiro não sabe votar, pois, se o soubesse, não teria se arrependido depois da eleição de Collor.

Sendo assim, o locutor afirma que o brasileiro sabe votar, para afirmar o contrário, realizando uma *ironia* – por não haver a dúvida (*Ninguém mais duvida*), ele opta pelo modo indicativo.

Em (E15), a intenção do locutor é afirmar que não possui dúvidas: se duvida que duvida, conseqüentemente não duvida de nada.

(E15) <p>: *Portanto **duvido que** duvido.*

Desse modo, conseqüentemente, o segundo verbo *duvidar* fica no modo indicativo, e não no subjuntivo.

5.1.2.3 Verbos ativos

a) Operativos

Dentro dessa subcategoria, encontramos exemplo de verbo do tipo cooperativo:

(E16) <p>: 1 *Introdução Mesmo havendo controvérsias a respeito da utilização de defensivos agrícolas, existem poucos que **duvidam que os agrotóxicos promovem a mais efetiva contribuição para a melhoria da qualidade e o aumento da produção agrícola** .*

Em (E16), no nível representacional, temos o estado de coisas (existem poucos) que contém o *indivíduo* (poucos), ligado à *propriedade* (duvidar), seguido do estado de coisas em que há outro *indivíduo* (agrotóxicos), com a *propriedade* (promover) – o primeiro *indivíduo* (poucos) demonstra que a dúvida é pequena, ou seja, há maior certeza do que se afirma no segundo *estado de coisas*, portanto, o modo indicativo é escolhido. Complementar a isso é o que se pode observar no Nível Interpessoal: o locutor tem por finalidade defender que o segundo *estado de coisas* é verídico (os agrotóxicos promovem a mais efetiva contribuição para a melhoria da qualidade e o aumento da produção agrícola).

b) Descritivos

Como exemplo pertencente a essa tipologia, encontramos o verbo *trabalhar*:

(E17) <p>: *Eu **duvido que** hoje não estando dentro de 4 paredes, trabalhando dentro de 4 paredes, eu trabalho muito mais do que eu trabalhava antes .*

Neste exemplo, o *indivíduo* (eu) do primeiro *estado de coisas* (eu duvido que) coincide com o locutor, e, no nível interpessoal, há o *ato* de duvidar – a intenção de quem proferiu o exemplo é de afirmar que trabalha menos do que antes. Apesar de haver a dúvida, e por isso, esperar-se o modo subjuntivo, há o tempo (hoje) que demonstra que o *estado de coisas* de que se fala ocorre no momento presente e, para tanto, o presente do indicativo, como falado anteriormente, parece expressar melhor essa ideia do que o do subjuntivo, que poderia trazer uma ideia de futuro.

Feitas as considerações acerca dos dados que coletamos sobre o emprego do modo indicativo em estruturas que demandariam o subjuntivo, passamos para as observações que realizamos, durante a pesquisa, ao refletirmos sobre os elementos periféricos com valor indefinido que acompanharam os nossos exemplos.

5.2 Os elementos periféricos

Além da tipologia encontrada e analisada acima, um fator curioso e muito frequente, que nos chamou atenção, ao longo desse estudo, foi a presença de termos periféricos de

valor indefinido. Estes elementos parecem tornar os casos de flutuação do modo subjuntivo mais aceitáveis nos contextos em que foram encontrados. O uso do indicativo, nas situações analisadas, parece ganhar um reforço no grau de aceitabilidade, causando, talvez, menos impacto de estranhamento para os usuários da língua no que tange à expectativa de realização do modo subjuntivo.

5.2.1 Estruturas de valor indefinido

É importante ressaltar que, a princípio, nossa pesquisa não tinha por objetivo analisar esses elementos periféricos. No entanto, a identificação de uso dos elementos indefinidos nos permitiu fazer algumas considerações que podem ser objeto de estudos futuros, tendo em vista que se observou uma contradição relativa à ideia de que o subjuntivo seria o modo preferido nas situações analisadas. Esses elementos, pelo contrário, parecem, surpreendentemente, corroborar o uso do modo indicativo.

Os casos encontrados em nosso *corpus* foram realizados com os pronomes *quem*, *alguém/alguma* e *poucos*. Vejamos:

5.2.1.1 Pronome quem

(E18) <p>: Quem é que **duvida que** o governo da República hoje é capaz de tomar decisões?

Em (E18), o locutor tem o objetivo de afirmar que o governo da República tem a capacidade de tomar decisões, portanto, no nível representacional, no primeiro *estado de coisas*, o *indivíduo* (quem) ligado à *propriedade* (duvidar), por ter caráter indefinido, reafirma a ideia do locutor de que é indefinido o indivíduo que duvida da capacidade do governo da República, portanto, a dúvida não existe ou é questionável. No nível interpessoal, o *ato* pode inclusive ser visto como um desafio a quem duvida, ou seja, a quem discorda do locutor.

5.2.1.2 Pronomes indefinidos alguém/ alguma

(E19) par=Opinião--94b-1: Mas alguém **duvida que** São Paulo hoje é mais importante, principalmente seu interior, para as rotas do tráfico de drogas do que o Rio?

Em (E19), ocorre o mesmo que no exemplo anteriormente analisado: a indefinição no primeiro *indivíduo*, ligado à *propriedade* (duvidar), mostra que, para o interlocutor, não há dúvidas quanto ao segundo *estado de coisas* (São Paulo hoje é mais importante para as rotas do tráfico de drogas do que o Rio).

(E13) *Esta postura dá à empresa uma posição de vanguarda em relação ao mercado, exigindo um acompanhamento constante do que está acontecendo no mundo da*

*moda, conforme relata o entrevistado 4: a empresa tem uma presença muito clara mercadologicamente, ela tem uma visão do que está acontecendo no mundo e nos principais mercados, do ponto de vista de produto e tendências da moda... A dimensão sistemas de controle passa a ser compartilhada com o dimensionamento das metas da empresa, sendo elaboradas em conjunto, passando a fazer o compartilhamento de informações e o monitoramento permanente de clientes e mercado, explica o entrevistado 3: hoje não temos um sistema integrado de gestão que nos permite um monitoramento permanente para saber: quem compra, quando compra e qual o resultado que traz para a empresa... o sistema permite fazer um zoneamento geográfico de áreas de interesse para a empresa atuar... Esse aspecto é confirmado pelo entrevistado 9: hoje eu **duvido que alguma** outra empresa da área têxtil tem algum sistema integrado de gestão, com informações como nós temos...*

O exemplo anterior, já analisado no item 5.1.2.2, traz a indefinição no indivíduo (alguma) do segundo estado de coisas, o que demonstra a tese do locutor de que não há empresa com a mesma qualidade que a sua, que ele defende. Sendo assim, a indefinição corrobora para a certeza, a falta de dúvida, culminando, portanto, no uso do modo indicativo na oração subordinada.

5.2.1.3 Pronome indefinido poucos

(E20) <p>: *Diante das evidências de caos observadas em diversos sistemas, Ford (1989) afirmou que poucos observadores duvidam que o caos é encontrado por toda parte na natureza*

Nesse caso, como em (E16), em que há a presença do pronome indefinido *poucos*, por ele ser o *indivíduo* ligado à *propriedade* (duvidar), entende-se que há menos dúvida, portanto, mais certeza, já que a quantidade de observadores que duvidam é pequena. Assim, a intenção do locutor é de confirmar o segundo estado de coisas (o caos é encontrado por toda parte na natureza).

No nível Interpessoal, em alguns casos, percebemos que a opção pelo uso do modo indicativo ocorreu pelo fato de o elemento de que se duvidava ser algo relativo ao momento da fala. Como já afirmamos anteriormente, parece haver uma ideia de que o presente do modo subjuntivo faria referência ao futuro, e não ao presente

Além disso, há outros dados em que é evidente a falta de dúvida do locutor em relação ao que se diz na oração subordinada, o que também pode ser notado devido ao fato de o sujeito ser expresso por um um pronome indefinido de terceira pessoa, e não quem fala:

(E21) par=Revista--94a-2: *Se alguém **duvida que** a Catalunha é mais que uma região 'panhola (seus habitantes explicam que na verdade é um Estado à parte, com cultura e língua particulares) , que vá ao Dalí .*

Neste exemplo, o falante tem certeza de que a Catalunha é “mais que uma região ‘panhola’”, e que ela é, na verdade, “um Estado à parte”. Por esta razão, opta pelo modo indicativo, para deixar claro que ele não tem dúvidas sobre o que está afirmando. Nesse caso, no nível interacional, percebe-se também um desafio; ele apresenta sua opinião e desafia quem pensar diferente: “que vá ao Dalí”.

(E22) par=Mundo--94a-1: *Se **alguém duvida que** o auto-interesse, e não o interesse nacional, é a moeda corrente em Washington, o caso Whitewater fornece ampla confirmação.*

Em (E22), o indivíduo (alguém) do primeiro estado de coisas seria o interlocutor desafiado. Caso esse alguém pense diferente do locutor, este já oferece um argumento para defender sua ideia (“o caso Whitewater fornece ampla confirmação”). Neste contexto, observa-se que o modo indicativo é o preferido para ratificar a sua intenção de desafiar o possível discordante e mostrar a sua convicção sobre o que defende.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da descrição e da análise, aqui empreendidas, ratifica as nossas premissas de que casos de flutuação do modo subjuntivo no campo semântico da dúvida são frequentes no português do Brasil e não se restringem à modalidade oral da língua, tampouco a contextos informais, pois diversos dados foram retirados de atas de assembleia legislativa, textos em que deveria prevalecer um registro mais formal da língua portuguesa, bem como textos jornalísticos, pertencentes ao jornal *Folha de São Paulo*, dirigido a um público de maior escolaridade e, portanto, com maior preocupação em utilizar a norma culta.

Além disso, verificamos que, em se tratando de flutuação do modo subjuntivo, há maior ocorrência de verbos com tipologia semântica relacional, mais especificamente os designativos, como o verbo *ser*, provavelmente por trazer uma aspectualidade contínua, fator que se mostrou importante para a escolha do modo indicativo.

Assim como Perini (2010), acreditamos que, em parte, o aumento dos casos de flutuação no contexto aqui analisado pode ser um dos postulados da economia linguística, pois, se a semântica do subjuntivo (dúvida, desejo, hipótese etc.) já estaria no verbo da oração principal, seria dispensável o subjuntivo na subordinada. Tal tese pode se confirmar em alguns casos, entretanto, neste estudo, observamos que o nível interpessoal, ou seja, o que está relacionado aos fins a que se quer chegar o locutor, bem como a sua intenção no discurso, tem expressiva influência na seleção do modo subjuntivo ou do indicativo. Logo, não é somente uma questão de economia linguística.

Ao terminar esta parte da análise de nossos dados, alguns retirados de contextos relativamente cultos, mostrando maior aceitabilidade, acreditamos que a flutuação, hoje considerada um erro pela tradição gramatical, pode se tornar, em um futuro breve, um

emprego alternativo correto.

Para melhor categorização e compreensão das motivações, bem como das funções das estruturas duvidar que + indicativo ou duvidar que + subjuntivo, sugerimos que outras pesquisas sejam realizadas, averiguando, além das flutuações Presente do Indicativo/ Presente do Subjuntivo, outras análises com os outros tempos na construção da subordinada.

Por fim, seria interessante verificar também dados em que a oração principal estivesse em outros tempos, não apenas no presente do indicativo, analisado neste estudo, e considerando também outros atos de fala que demandam, teoricamente, o uso do subjuntivo, tais como: querer, desejar, pedir, permitir, proibir etc.

Creemos que, dessa forma, haverá mais subsídios, de caráter, efetivamente, funcionais, para os profissionais de PL2/PLE, professores ou elaboradores de material didático, que desejam aprimorar todo o processo que envolve o ensino-aprendizagem do português, sobretudo, para aprendizes estrangeiros.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 13.ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1968.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2009.

CAMACHO, R. G. *Da gramática funcional à gramática funcional do discurso*. In: **Signótica Especial**, n.2, pp. 167-180, 2006.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DIK, S. C. **The theory of functional Grammar**. Dordrecht Holland/Providence RI -USA, Foris Publications, 1989.

GARCIA, A. da S. *Uma tipologia Semântica do Verbo no Português*. In: **Revista SOLETRAS** online, ISSN 2316 8838, PP. 52-70, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, Rio de Janeiro: 2004. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4527/30758>. Acessado em 30/09/2019.

HENGEVELD, K. *The architecture of a Functional Discourse Grammar*. In MACKENZIE, J. L., GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (eds), **A new architecture for Functional Grammar** (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004, p. 1-21.

MARTINS, H. & MEDEIROS, V. *Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo no português do Brasil e seu impacto no ensino de aluno de português como segunda língua*. Cópia mimeo.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

_____. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Rio de Janeiro, 2016.

Fonte de coleta dos dados: <http://www.linguateca.pt/>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 24, 63, 64, 74, 76, 77, 91, 92, 100

Artes 15, 20, 38, 51, 63, 78, 90, 91, 102, 109, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 210, 211, 213, 215, 216, 227, 229, 234, 240, 241, 243, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 269, 270, 271

Atos de Fala 20, 21, 22, 26, 37, 233

C

Camilo Castelo Branco 198

Concordância Verbal 15, 16, 17, 18, 19

Conto 102, 103, 108, 154, 155, 156, 158, 161, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

D

Discurso Jornalístico 78, 79, 80, 81, 89

Discurso Jurídico 91, 97

Dramaturgia 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215

E

Ensino 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 37, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 148, 154, 208, 236, 244, 251, 252, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269

F

Função Social 144, 148, 150

G

Gênero Textual 102, 104, 108, 109

I

Interacionista 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60

Interpretação 57, 70, 71, 76, 79, 116, 123, 127, 130, 137, 138, 140, 141, 143, 151, 153, 155, 164, 166, 168, 178, 180, 232, 243, 246, 256, 257

L

Letras 15, 19, 20, 31, 38, 42, 51, 58, 61, 63, 76, 78, 91, 92, 102, 103, 111, 112, 113, 125, 136, 137, 139, 144, 146, 154, 164, 165, 176, 179, 186, 187, 197, 198, 208, 216, 217, 227, 230, 242, 243, 258, 265, 266, 269, 270, 271

Língua Estrangeira 8, 10, 11, 20, 21, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 138, 139, 142, 143, 258, 259, 260, 264, 266

Língua Materna 9, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 117, 126, 128, 130, 135

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 36, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 74, 76, 78, 90, 91, 92, 102, 113, 114, 125, 128, 131, 133, 137, 144, 154, 164, 166, 174, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 232, 237, 243, 258, 269, 270, 271

Lírica 164, 166, 167, 168, 169, 171, 174

Livro Didático 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 153

Livro Infantil 145, 151, 189

Loucura 99, 100, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 204

Luto 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185

M

Morte 93, 157, 158, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 205, 206, 209, 213

Multidisciplinar 15, 20, 38, 51, 63, 78, 91, 98, 102, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 243, 246, 253, 257, 258, 269, 270, 271

Música 28, 118, 119, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

N

Narrativa Mítica 208, 210, 212, 214

O

Operadores Argumentativos 78, 83, 89

P

Palavras 1, 15, 20, 26, 38, 39, 41, 42, 49, 51, 56, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 91, 102, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 154, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 187, 198, 202, 208, 216, 227, 231, 232, 233, 241, 243, 258, 265

Pintura 169, 217, 218, 221, 222, 224

Poesia 149, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 202, 203, 234

Polifonia 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90

Prática de Leitura 104, 108, 110, 111, 140

S

Semântica 13, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 31, 36, 37, 40, 41, 54, 77, 79, 110, 116, 127, 173

V

Viola 227, 228, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 